

## **Bonner Saiu da Bancada: As mudanças na apresentação do Jornal Nacional<sup>1</sup>**

Daniel Alves SCARCELLO<sup>2</sup>

Wagner da Costa SILVA<sup>3</sup>

Universidade Federal do Acre, Rio Branco, AC

### **RESUMO**

Fruto de um trabalho de conclusão de curso, este artigo analisa determinadas mudanças que aconteceram no Jornal Nacional a partir de abril de 2015. O artigo visa identificar algumas das principais modificações, analisar e discutir como e por que foram implantadas no noticiário. Por meio do método da análise do conteúdo, foram selecionados 4 vídeos disponíveis na internet, junto com algumas publicações de site que repercutiram o assunto. Durante a pesquisa foi constatado que o programa passou por várias alterações e que as últimas mudanças deram mais liberdade e espaço para os apresentadores. Para construir a base da análise foi utilizado como referencial teórico autores como Rezende (2000), Cashmore (1998) e Paternostro (2006).

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornal Nacional; informalidade; telejornalismo;

### **Introdução**

Do iconoscópio, para um tubo preto com tela em preto e branco, que com o tempo foram coloridas, até chegar a uma grande tela fina. A televisão no Brasil demorou para ser o que é hoje, mas agora ocupa um lugar privilegiado, tanto entre os outros meios de comunicação quanto na casa das famílias.

Segundo Pedro Maciel (1994) a capacidade da TV de hipnotizar o telespectador está embasada nos princípios fundamentais do veículo: o som e a imagem. Elementos considerados importantes para explicar o seu sucesso e por que aguça tanto a curiosidade das pessoas. Para Maciel (1994), a TV é o único meio de comunicação de massa que mexe com a visão e a audição ao mesmo tempo, considerados os dois sentidos humanos mais importantes. O autor relaciona a sedução que a TV causa nos espectadores, com a visão, que é o meio pelo qual o homem seduz e é seduzido: “É através da relação olho no olho que se estabelece a verdade e a credibilidade entre as pessoas” (MACIEL, 1994, p. 29).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado a IJ4 – Comunicação Audiovisual do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 24 a 26 de maio de 2017.

<sup>2</sup> Graduado em Comunicação Social – Jornalismo pela Ufac novembro de 2016, email:d.scarcello@hotmail.com

<sup>3</sup> Professor do curso de jornalismo da Ufac, email: wagnercostas@hotmail.com

Entre os principais programas da televisão, o telejornal se destacou no meio de comunicação e por muito tempo, pelo menos no Brasil, virou a principal referência para busca de informação pela maior parte da população. Para autores como Vera Iris Paternostro (2006) e Guilherme Rezende (2000) algumas características da TV e do telejornal que os diferenciam de outros meios de comunicação foram essenciais para a atração do público.

Diferente de jornais impressos ou revistas, o público da TV não pode ler a informação novamente caso não tenha entendido o que foi transmitido. O tempo da informação no telejornal se torna único e o jornalista precisa tornar a mensagem compreendida pelo público. Conforme aponta Resende (2000, p. 83), “se a mensagem não for detectada e decifrada naquele momento, o esforço do comunicador será em vão”.

Na linha de pensamento de Paternostro (2006), a mensagem clara, imprescindível ao telejornalismo, é construída com um vocabulário coloquial e a imagem contribui para um trabalho que pode ser feito com menos palavras possíveis.

Devemos usar palavras simples e fortes, elegantes e bonitas, e apropriadas ao significado e a circunstância da história que queremos contar. Estamos falando de um texto simples, mas não de um texto pobre ou vulgar; estamos falando de um texto natural e não de um texto ‘rebuscado’ ou literário (PATERNOSTRO, 2006, p. 95).

Entre os principais telejornais brasileiros podemos citar os pioneiros Imagens do Dia e o Repórter Esso, além do primeiro telejornal a ser transmitido em rede nacional, o Jornal Nacional (JN) da Rede Globo. Foi a partir de mudanças ocorridas neste programa que surgiram os questionamentos para a realização desta pesquisa e é especificamente sobre ele que vamos abordar.

A primeira edição do Jornal Nacional foi ao ar em 1º de setembro de 1969 por volta das 19h45, segundo o livro *Jornal Nacional: a notícia faz história* (2004). Com 15 minutos de duração, inicialmente o programa era apresentado por Cid Moreira e Hilton Gomes e fora criado para competir com o Repórter Esso.

Com quase 50 anos de existência o Jornal passou por diversas mudanças, desde de estilo, texto, cenário, apresentação e filmagem, que aconteceram por vários fatores (tecnológico, modernização, etc), mas uma série de mudanças específicas chamaram atenção e serão avaliadas neste artigo, mudanças que começaram a partir do dia 27 de março de 2015.

A partir desse dia, mesmo sem aviso, o programa sofreu mudanças que interferiram na apresentação do jornal e repercutiram entre o público na Internet: os âncoras se levantam para chamar a participação de repórteres ao vivo, conversam com a repórter da previsão do tempo, que agora é chamada pelo apelido (Maju) e até sentam na bancada do jornal, como Bonner fez na volta de um dos intervalos da edição de 18 de maio de 2015. O cenário, os movimentos de câmera e dos apresentadores foram pontos importantes que sofreram alterações e geraram vários questionamentos.

O objetivo deste trabalho é avaliar e analisar como e quais as principais alterações foram realizadas na apresentação do telejornal a partir deste período e questionar possíveis motivos que levaram a emissora a realizar tais mudanças no principal telejornal do canal.

## **Metodologia**

Para analisar as mudanças citadas no JN e desenvolver este trabalho, foi escolhido o método da análise do conteúdo, compilando-se visões de diferentes autores. Cavalcante, Calixto e Pinheiro (2014) trazem uma definição do método que esta pesquisa ora utiliza:

(...) várias técnicas onde busca-se descrever o conteúdo emitido no processo de comunicação, seja ele por meio de falas ou de textos. Desta forma, a Análise de Conteúdo é composta por procedimentos sistemáticos que proporcionam o levantamento de indicadores (quantitativos ou não) permitindo a realização de inferência de conhecimentos (CAVALCANTE; CALIXTO; PINHEIRO, 2014, p. 1)

Para este trabalho, foi escolhida a análise qualitativa, já que não buscamos identificar ou numerar aparições, mas sim perceber as mudanças na postura dos apresentadores e em que espaço de tempo elas foram implantadas. Esse método também permite trazer novas visões e perspectivas sobre o objeto de estudo, bem como maior abrangência e liberdade para o pesquisador:

Assim, a análise de conteúdo compreende técnicas de pesquisa que permitem, de forma sistemática, a descrição das mensagens e das atitudes atreladas ao contexto da enunciação, bem como as inferências sobre os dados coletados. A escolha deste método de análise pode ser explicada pela necessidade de ultrapassar as incertezas conseqüentes das hipóteses e pressupostos, pela necessidade de enriquecimento da leitura por meio da compreensão das significações e pela necessidade de desvelar as relações que se

estabelecem além das falas propriamente ditas (CAVALCANTE; CALIXTO; PINHEIRO, 2014, p. 14).

Leal e Etges (2006) por sua vez, caracterizam o processo da análise do conteúdo em três fases: a pré-análise, a exploração do material e a interpretação do material. E assim foi feito.

Para analisar o período foram selecionados quatro vídeos a partir da disponibilidade na Internet e em busca de mudanças que podem ser vistas da forma mais explícita possível. Para poder explorar o material de forma organizada, e para manter o foco na apresentação do telejornal, escolheu-se quatro critérios: texto, postura/movimentação, interação e planos.

Com o objetivo de facilitar a referência aos vídeos analisados e o acompanhamento de nossa análise pelo leitor deste trabalho, decidimos classificar os vídeos numericamente em sequência cronológica:

o Vídeo 1<sup>4</sup>: edição do JN de 18/05/2015, com 3min42s;

o Vídeo 2<sup>5</sup>: edição do JN de 18/01/2016, com 3min11s;

o Vídeo 3<sup>6</sup>: edição do JN de 16/03/2016, com 40min06s; e

o Vídeo 4<sup>7</sup>: edição do JN de 28/06/2016, com 3min41s.

Por fim, além dos vídeos, algumas matérias da internet foram encontradas e discutidas com o trabalho *A Construção dos Âncoras*, de Brittos e Ruhee (2007).

### **Análise: Bonner senta na Mesa, Brinca e Fala errado**

A partir dos vídeos destaca-se algumas características importantes com relação aos pontos avaliados. Começando pelos planos e movimentos de câmera, em que observa-se diferentes planos de acordo com cada momento do noticiário, além do movimento da câmera que deixa o programa mais dinâmico e menos estático visualmente. Logo na abertura da edição de 16/03/2016, no Vídeo 3, a câmera abre num Plano Conjunto e em vez de se manter nos dois apresentadores ou cortar para um deles, ela vai aproximando

---

<sup>4</sup> Vídeo 1: JORNAL Nacional. G1 – GLOBO. 18 maio 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/edicoes/2015/05/18.html>>. Acesso em: 31 ago. 2016, 00:03:42.

<sup>5</sup> Vídeo 2: JORNAL Nacional. G1 – GLOBO. 18 jan. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/edicoes/2016/01/18.html>>. Acesso em: 31 ago. 2016, 00:03:11.

<sup>6</sup> Vídeo 3: LULA nomeado ministro, Moro retira sigilo das investigações – Jornal Nacional – 16/03/2016. Youtube. Canal de Brasil Fatos. Publicado em 17 mar. 2016. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=WKCS0Ej3z\\_k](https://www.youtube.com/watch?v=WKCS0Ej3z_k)>. Acesso em: 31 ago. 2016, 00:40:06.

<sup>7</sup> Vídeo 4: JORNAL Nacional. G1 – GLOBO. 28 jun. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/edicoes/2016/06/28.html>>. Acesso em: 31 ago. 2016, 00:03:41.

lentamente (Figura 1), fazendo um *zoom* (aproximação) em Willian Bonner até enquadrá-lo no Meio Primeiro Plano, mostrando suas mãos. Em seguida, a câmera vira para a esquerda e o mantém em Primeiro Plano. Percebe-se então, em poucos minutos que foram utilizados três planos diferentes e um *traveling* logo na abertura do programa.

Figura 1 – Ângulo de câmera diferenciado logo após a escala do programa (JN, 16/03/2016).



FONTE: recorte dos autores

Primeiro Plano (SQUIRRA,2004) ou Plano Próximo (GERBASE,2012) é o enquadramento de rosto e parte do tronco do apresentador, quase na altura do peito . Já o *traveling* é definido por Squirra (2004, p. 138) como um movimento de câmera realizado para aproximar um objeto ou alguém: “Chegando perto ou se afastando do alvo desejado. Sempre com o deslocamento da câmara e do seu operador”.

Percebe-se que há uma preocupação em mudar e movimentar a visão do espectador com diferentes imagens dos próprios apresentadores. Prova disso está na mesma edição (Vídeo 3) quando a câmera acompanha a apresentadora Renata Vasconcellos, que se levanta e caminha até um telão próximo à mesa num Plano Conjunto (SQUIRRA, 2002), a partir dos 8min17s. No mesmo vídeo, aos 31min19s também vemos Willian Bonner já posicionado em frente ao telão, mostrando o apresentador de corpo inteiro ele conversa e chama os repórteres com diferentes movimentos.

Depois destas observações já começamos a analisar quase que ao mesmo tempo outro fator que é a postura/movimentação dos apresentadores. É preciso lembrar que assim como a imagem, os gestos e o corpo dos jornalistas na TV também compõem uma linguagem, como afirma Dallegrave em seu estudo de caso sobre telejornais, “*Jornal*

*Nacional” e “SBT Brasil”: linguagem verbal e não-verbal dos apresentadores.* Para ele a linguagem não verbal no telejornalismo, nem sempre tem a mesma nitidez da fala, mas atribui significados: “Os sinais de comunicação têm por principal objetivo reforçar a fala. São eles: gestos, expressão facial, postura, ocupação do espaço, e toque” (DELLAGRAVE,2007, p.5).

Ainda no Vídeo 3, aos 31min28s, por exemplo, Willian Bonner coloca as duas mãos nos bolsos e, a partir dos 36min46s, movimenta as mãos várias vezes enquanto chama uma repórter; e só as segura juntas quando a repórter aparece — isso já mostra uma nova postura dos apresentadores e seus movimentos, que agora caminham pelo estúdio.

As caminhadas são vistas todas as vezes que os âncoras vão chamar algum repórter que está ao vivo, assim como na hora da previsão do tempo, para falar com a jornalista Maria Júlia Coutinho<sup>8</sup>. Além disso, também é possível constatar mais liberdade até quando estão sentados. Aos 28min47s, por exemplo, Renata Vasconcelos informa uma nota coberta e coloca os óculos ao vivo, antes de começar a ler um documento em suas mãos. Antes de colocar as lentes, a apresentadora ainda faz um rápido gesto com a mão, formando o numeral 1, como se pedisse ao público que esperasse um pouco enquanto coloca os óculos.

No Vídeo 1 (edição de 18/05/ 2016) o apresentador do telejornal chama atenção ao inovar e voltar de um intervalo comercial, aparecendo sentando na bancada do programa (Figura 2). A postura do apresentador virou notícia na Internet.

Figura 2 - Willian Bonner senta na bancada do programa (JN, 18/05/2015).

---

<sup>8</sup>Até 2015, as previsões do tempo no JN entravam na programação como mais uma matéria.



FONTE: Recorte dos autores

O site Tambaú 247 publicou matéria<sup>9</sup>, assinada por Lucas Isídio e publicada em 21/05/2015 em que o jornalista classifica a postura do apresentador de “inusitada”, afirmando ainda que desde que as mudanças foram divulgadas, o âncora vinha realizando várias atitudes do mesmo estilo.

Junto com a movimentação e postura dos apresentadores, partimos para avaliar a interação feita entre eles. A troca de olhares, sorrisos e atenção ao apresentador estão presentes em todos os vídeos analisados, além disso é possível perceber uma certa liberdade nos jornalistas que brincam e conversam sobre assuntos das notícias.

Na edição de 18/01/2016, no Vídeo 2, logo após a exibição da matéria sobre uma lei que obriga taxistas a utilizarem roupas formais como calças, Willian Bonner está em pé, ao lado da bancada, e caminha para o telão construindo o seguinte diálogo:

– E dá para acostumar rápido, eu, por exemplo, usava muita bermuda para fazer o Jornal Nacional, que eu não aparecia aqui de corpo inteiro, mas desde que a gente passou a conversar aqui, ao vivo com a Maria Júlia Coutinho...oh, tem que se assim, de terno completo todo dia. Maju, boa noite, como vai? Tudo bom?

– Na estica! Bem vindo Bonner, bem vinda Renata, tudo bem? – Respondeu a repórter da previsão do tempo.

<sup>9</sup> Cf. matéria completa no site do Tambaú 247, disponível em:  
 <<http://www.tambau247.com.br/noticia/entretenimento/william-bonner-senta-na-bancada-do-jornal-nacional.html>>.

Vale ressaltar ainda, que logo após falar sobre o uso das bermudas no JN, a apresentadora Renata Vasconcelos, que está na bancada, ri da brincadeira de Willian Bonner. A situação mostra, então, brincadeiras, diálogos e movimentação inusitada no jornal.

A análise da interação acaba fazendo parte também da análise do texto dos apresentadores, pois percebe-se que é neste momento que a liberdade surge até na hora de esquecer algumas normas da língua portuguesa, com abreviações e formas de falar populares.

Com essa abreviação da palavra “você”, Willian Bonner assume uma postura contra a maioria dos manuais de TV, como afirma Paternostro (2006, p. 94): “[...] é preciso levar em conta as regras gramaticais. A TV tem obrigação de respeitar o telespectador e transmitir informação em uma linguagem coloquial correta”. No entanto, essa observação vai de encontro à explicação do jornalista sobre o texto do JN, no seu próprio livro *Jornal Nacional Modo de Fazer*, afirmando que a intenção do jornalista na TV é se “tornar amigo” do telespectador, utilizando da sua linguagem, se aproximando: “[...] num telejornal como o JN nós precisamos escolher a abordagem de compreensão mais imediata e a linguagem mais próxima da que é usada naturalmente pelas pessoas ao conversar” (BONNER, 2009, p. 232).

Na edição de 16/03/2016, no Vídeo 3, os apresentadores chamam um pelo outro, informando que sua fala terminou e permitindo a continuação. Em pé, no telão, Willian Bonner agradece a participação do repórter Júlio Mosquera, aponta para a câmera e chama Renata Vasconcelos, que continua a apresentação da bancada. “Júlio Mosquera ao vivo de Brasília, *brigado* Júlio. Muito obrigado pela sua participação no Jornal Nacional. Renata”, falou o apresentador, ao que a âncora respondeu “Agora há pouco, Bonner, houve painéis contra o governo [...]”.

Outro diálogo interessante também pode servir de exemplo para essa maior liberdade dos apresentadores, tanto na interação entre eles quanto a forma de falar na TV. Na edição de 28/06/2016, aos 0min7s do Vídeo 4, o apresentador Willian Bonner, mais uma vez se dirigindo para chamar a previsão do tempo, falou: “Ela quer falar sobre um alerta, exatamente sobre esses incêndios que a gente acabou de ver na reportagem, né, Malu? Maju, desculpe.” Após o erro, a apresentadora começou a informar as previsões e quando voltou para o âncora, aos 2min04s, os dois estabeleceram o seguinte diálogo:

- Você se assustou quando eu te chamei de 'Malu' agora há pouco?
- Achei estranho esse Malu, quem é essa? – a jornalista respondeu de forma descontraída.
- Faz um ano mais ou menos que perguntei se você preferiria ser Maria Júlia ou Maju. Você escolheu Maju. Agora eu soltei um 'Malu' aqui, hoje eu to com um 'tloca-letlas', né? Porque eu ia falar alertas e saiu Malu. Mas, oh Maju, como ficam as 'tempelatulas' amanhã então?" – Comentou William Bonner, ao se comparar com personagem da história em quadrinhos da Turma da Mônica, que pronuncia o “L” no lugar do “R”.
- Ah, Cebolinha! Vamos lá, Bonner Cebolinha – Respondeu Maria Júlia Coutinho que não resistiu a uma risada antes de falar.

## Repercussão

Além dos pontos destacados e avaliados na análise é possível encontrar na internet como algumas mudanças chamaram a atenção do público e da própria mídia, que também se atreveu a analisar as modificações do Jornal Nacional. A partir da análise dos vídeos essa repercussão nos permite identificar a importância e a relevância que o programa possui.

O site da Veja de São Paulo, por exemplo, reproduziu vários *tweets*<sup>10</sup> postados por brasileiros sobre as mudanças do JN, em matéria intitulada *Jornal Nacional muda de formato e vira piada nas redes sociais*, postada no dia 27/04/2015. Com apenas dois parágrafos e 28 tweets, o site da referida revista até brincou comparando a postura dos apresentadores do JN com a dos do *Jornal Hoje*, que é conhecido por dar maior liberdade de interação aos âncoras. Entre algumas observações, a matéria diz: “foi um senta, levanta, anda pelo estúdio, conversa com o correspondente do Japão em formato 3D e muito mais”<sup>11</sup>.

Já a matéria *William Bonner senta na bancada do Jornal Nacional* aprofundou a temática das mudanças. Lucas Isídio (2015) afirma que o jornal tem agora uma nova identidade visual e com isso uma nova linguagem, que ele classifica como “mais leve”. No texto, o autor explica as modificações pela busca da audiência e que tal dinamismo havia começado nos jornais regionais:

O objetivo dessas mudanças para a Rede Globo é de aproximar o público e recuperar audiência. A televisão tem dado mais atenção às classes C e D, com alto poder de consumo. A renovação de formatos começou pelas praças, como são chamadas as afiliadas da rede. Os telejornais locais diminuíram suas bancadas e passaram a ter apresentadores frequentemente

<sup>10</sup> Forma de interação pela rede social Twitter (Cf. <<https://twitter.com>>).

<sup>11</sup> Cf. matéria completa no site da Veja SP, disponível em: <<http://vejasp.abril.com.br/blogs/pop/2015/04/27/novo-jornal-nacional/>>.

---

em pé. Logo em seguida, vieram os telejornais nacionais (ISÍDIO, 2015, online).

Fazendo um pequeno resgate do modelo do Jornal Nacional antes deste período é possível identificar o quão formal ele era e a preocupação que o programa tinha em emitir uma seriedade. Em *A Construção dos Âncoras*, de Brittos e Ruhee (2007), os autores avaliam a interação entre os apresentadores nos telejornais que possuem mais de um âncora; neste caso, o *Bom Dia Brasil*, *Jornal Hoje* e *Jornal Nacional*. Durante as avaliações destes telejornais perceberam que interação por meio de olhares e comentários ocorre com mais frequência no Bom Dia Brasil e no Jornal Hoje. A exceção era o JN:

[...] por adotar uma apresentação mais séria, mais formal, com os interlocutores só mostrando ao público estar dividindo a bancada através de olhares. Quando apareceram em PG, eles deram rápidas olhadas ao colega, passando assim uma impressão de que também estavam contando a notícia um ao outro. (BRITTO; RUHEE, 2007, p. 62).

É interessante observar a utilização dos adjetivos “sério” e “formal” para definir o JN. Isso porque a pesquisa parte da afirmação de que o JN acredita que seu público seja muito diversificado e precisa, dessa forma, fazer com que vários tipos de pessoas, de diversas culturas, educação e classes compreendam a notícia.

Mantendo a sua pose de formal, o Jornal Nacional não permitiu aos seus apresentadores muita mobilidade, a postura sempre apareceu bem centrada no vídeo. Mesmo quando William Bonner ancorou o telejornal em pé, direto no Vaticano, a imagem pela qual ele era enquadrado, PP ou PM, mostrava pouco do apresentador, não permitindo que ele caminhasse ou aparecesse de corpo inteiro (BRITTO; RUHEE, 2007, p.68).

### **Considerações Finais**

A partir das análises e, por fim, da breve pesquisa sobre a repercussão das mudanças e como o Jornal Nacional era antes, é possível constatar que a partir de 2015 a emissora fez mudanças consideráveis com relação ao cenário, planos e movimentos de câmera, mas principalmente em relação à liberdade dos apresentadores. Estes ficaram muito mais à vontade para fazer brincadeiras no ar, além de se movimentarem mais no jornal, seja em gestos, como nos movimentos do corpo em geral. O aparecimento do corpo inteiro dos apresentadores na tela quebra um formato que era mantido desde o surgimento do jornal, em 1969. Os apresentadores não apareciam dessa forma no telejornal e isso revela a necessidade que a emissora teve de mudar o formato do noticiário mais importante da casa. De 1969 a 2015, foram 46 anos para fazer um telejornal mais dinâmico.

O Willian Bonner sério se transformou, de um dia para o outro, num apresentador descontraído e que brinca no estúdio, comportamento que ele já tinha assumido em redes sociais como o Twitter, em que tem mais de 10 milhões de seguidores. Aceitar abreviações e incorporar cada vez mais o texto falado também foi uma barreira derrubada, indo-se contra as principais orientações do jornalismo e do próprio Jornal Nacional. Os apresentadores se levantam, andam no meio do estúdio, sentam na bancada e agora é possível vê-los de corpo inteiro, ver que eles têm pé, pernas, que erram e brincam. Dessa forma, o programa ficou mais dinâmico de se acompanhar, pois apresenta diferentes momentos e formatos para abordar cada assunto. Entende-se que, assim, o JN quer se aproximar cada vez mais do público e que existe uma busca para humanizar os âncoras.

É interessante observar ainda que essas modificações provocam dúvidas que questionam conceitos básicos do jornalismo, como a relação entre seriedade e credibilidade, linguagem coloquial e gramática, por exemplo. Dessa forma, as linguagens se reconstruem, os formatos são modificados, as funções, as formas de produção e veiculação mudam e precisam mudar para sobreviver, mas isso não quer dizer que precisam deixar de existir.

O JN busca, por meio de sua reinvenção, manter sua liderança como telejornal brasileiro se permitindo descobrir novas estratégias de produção e apresentação. E por fim, acredita-se que é importante estudar mais e avaliar as razões de tanta mudança de um programam que até então, seria referência para os outros telejornais brasileiros. Com a reinvenção do Jornal Nacional fica claro que grande parte das linguagens precisam se renovar depois de um certo tempo, é preciso atualizar, e acompanhar a sociedade, meio que tudo tem a ver com jornalismo e a comunicação.

## REFERÊNCIAS

BONNER, William. **Jornal Nacional**: modo de fazer. São Paulo: Globo, 2009.

BRITTOS, Valério Cruz; RUHEE, Paloma. **A construção dos âncoras nos telejornais nacionais da Globo**. Salvador, 2007.

CAVALCANTE, Ricardo Bezerra; CALIXTO, Pedro; PINHEIRO, Marta Macedo Kerr. **Análise de conteúdo**: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método. João Pessoa, 2014.

DALLEGRAVE, Karolina. Estudo de casos dos telejornais “Jornal Nacional” e “SBT Brasil”: linguagem verbal e não verbal dos apresentadores. In: V Congresso Nacional de História da Mídia, 2007, São Paulo, **Anais do V Congresso Nacional de História da Mídia**. São Paulo: Intercom, 2007.

GERBASE, Carlos. **Cinema**: primeiro filme descobrindo, fazendo, pensando. 2012. Disponível em: <<http://www.primeirofilme.com.br/site/o-livro/enquadramentos-planos-e-angulos/>>. Acesso em: 27 ago. 2016.

ISÍDIO, Lucas. **William Bonner senta na bancada do Jornal Nacional**. TamBaú 247. Entretenimento. 21 maio 2015. Disponível em: <<http://www.tambau247.com.br/noticia/entretenimento/william-bonner-senta-na-bancada-do-jornal-nacional.html>> Acesso em: 30 ago. 2016.

JORNAL Nacional: a notícia faz história. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004. (Memória Globo).

JORNAL Nacional muda de formato e vira piada nas redes sociais. Veja SP. Pop! Pop! Pop! 27 abr. 2015. Disponível em: <<http://vejasp.abril.com.br/blogs/pop/2015/04/27/novo-jornal-nacional/>>. Acesso em: 30 ago. 2016.

JORNAL Nacional. G1 – GLOBO. 18 jan. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/edicoes/2016/01/18.html>>. Acesso em: 31 ago. 2016, 00:03:11.

JORNAL Nacional. G1 – GLOBO. 28 jun. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/edicoes/2016/06/28.html>>. Acesso em: 31 ago. 2016, 00:03:41.

LEAL, Mayura; ETGES, HélioAfonso. Análise de conteúdo: um estudo da editoria Mundo de Zero Hora. In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2006, Brasília, **Anais do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Brasília: Intercom, 2006.

LULA nomeado ministro, Moro retira sigilo das investigações – Jornal Nacional – 16/03/2016. Youtube. Canal de Brasil Fatos. Publicado em 17 mar. 2016. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=WKCS0Ej3z\\_k](https://www.youtube.com/watch?v=WKCS0Ej3z_k)>. Acesso em: 31 ago. 2016, 00:40:06.

MACIEL, Pedro. **Guia para falar (e aparecer) bem na televisão**. Porto Alegre: Sagra; DC Luzzatto, 1994.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV**: manual de telejornalismo. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil**: um perfil editorial. São Paulo: Summus, 2000.

